

Seminário debate medidas para migrantes e refugiados

Buscando construir orientações e diretrizes nas ações de acolhida a migrantes e refugiados, a Cáritas Brasileira realizou nos dias 19 e 20 de outubro de 2015 o primeiro Seminário Nacional sobre o tema. Durante os dois dias os Regionais e entidades-membros da Cáritas Brasileira, juntamente com a Pastoral do Migrante e o Setor de Mobilidade Humana da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fizeram-se presentes para debater e encaminhar ações em rede.

O seminário iniciou com a fala de Anadete Gonçalves, vice-presidente da Cáritas Brasileira; seguida por Dom Leonardo Steiner, secretário geral da CNBB; Agni Castro-Pita, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), e Beto Vasconcelos, secretário nacional de Justiça e presidente do Comitê Nacional para Refugiados (Conare).

Anadete explicou que o foco do seminário era “a humanização e a prática de instrumentos capazes de criar mapeamentos para aperfeiçoar a acolhida destas pessoas”. Ainda enfatizou a importância do momento em que o seminário foi realizado, antecedendo a XX Assembleia Nacional da Cáritas Brasileira, que ocorreu em novembro de 2015.

Buscar um tratamento humanitário aos irmãos e irmãs refugiados não é uma tarefa simples. Muitos desafios são enfrentados e o caminho percorrido é longo, tanto para os que chegam quanto para quem se dispõe a ajudar no processo de adaptação. Fora as dificuldades com a língua local, a falta de condições de sustento e a separação da família, os migrantes e refugiados precisam enfrentar, por vezes, a xenofobia e a incerteza de permanência no país de refúgio. Por isso, precisamos ter uma sensibilidade no sentido de acolher bem estas pessoas, fazendo o possível para que elas resgatem sua identidade, muitas vezes perdida nos conflitos em seus países de origem.

Dom Leonardo contextualizou o processo migratório e explicou a importância de lidarmos com os refugiados e migrantes como semelhantes, principalmente

tendo em vista a raiz que todos nós temos como migrantes. “O fluxo vem de um contexto histórico, desde a época da colonização, quando os povos se viram obrigados a sair de seus países de origem por vontade própria ou como vítimas da escravização”. Dom Leonardo (na foto abaixo) também deixou clara a intenção dos migrantes e refugiados ao sair de seus países em busca de um novo lar: “O migrante de hoje não quer desfazer de seu povo, não quer destruir nenhuma sociedade, não quer matar ninguém. O imigrante de hoje apenas deseja ser acolhido”.



O número de refugiados e migrantes ao redor do mundo foi um tema destacado por Agni Castro-Pita. Junto com isso, reiterou o risco que muitas dessas pessoas correm ao cair, por exemplo, nas mãos de traficantes. “A quantidade de pessoas deslocadas de seus países chega a aproximadamente 60 milhões, sendo que, destes, pelo menos 10 milhões são refugiados e 30 milhões são crianças e adolescentes. É como se todo um país tivesse se transformado em refugiados”, explicou Castro-Pita. “Essas pessoas que buscam simplesmente salvar a vida se deparam, nesse trânsito, com traficantes e com ‘coiotes’, que muitas vezes violam homens, mulheres e crianças nessa travessia”.

Em busca de melhorias na acolhida destas pessoas, o seminário abordou também a importância de nós, cristãos, deixarmos de lado o preconceito. Beto Vasconcelos, secretário nacional de Justiça e um dos componentes da mesa de abertura, explicou que “ainda existem pessoas que têm aversão aos migrantes e refugiados, e isso precisa ser fortemente combatido. Este é um momento importante para que todos possamos também falar sobre a necessidade de tolerância aos povos, sobre a necessidade de respeitar o próximo”.



(Beto Vasconcelos, secretário nacional de Justiça, durante sua fala na mesa de abertura)

Cláudia Geovanetti, coordenadora do Conare, falou sobre as estratégias e respostas frente aos desafios das migrações e refugiados. Um dos principais pontos reiterados por ela foi o papel que o Conare exerce no sentido de especificar os pré-requisitos para que uma pessoa seja legalmente considerada como solicitante de refúgio e os desafios que o órgão possui frente ao processo de protocolo nessas situações.

“Além dos critérios de raça, religião, nacionalidade, grupo social e opiniões políticas, levamos em conta também aquelas situações de grave violação dos direitos humanos, quando estas pessoas precisaram sair do seu país de origem”, pontua. Cláudia ainda abordou o trabalho interno realizado pelo órgão

e a necessidade de fortalecimento da equipe diante da pouca estrutura para lidar com o grande número de pedido de refúgios.

“Ainda estamos com a estrutura de 2010, que nos preparava para receber 500 pedidos. Atualmente nos vemos diante de 12 mil pedidos e é complicado para nós lidarmos com este número. Esta é nossa realidade no momento”, explica Cláudia. “Para solucionar isso, já solicitamos a contratação de mais servidores públicos e consultores e o aumento no número de estagiários para auxílio nas pesquisas e preparação de documentos adicionais”.

Na “contextualização da dimensão da crise das migrações e refúgios no cenário mundial”, Roberto Marinucci resgatou a trajetória dos refugiados e migrantes como principais agentes de mudança da história. “Durante o decorrer da história, muito se refletiu sobre o sujeito histórico de transformação. Quem é o sujeito que vai mudar o mundo? Nós queremos um mundo melhor. Neste momento da história, o sujeito transformador é o migrante. São as vítimas de séculos de colonialismo, pessoas que são exploradas continuamente, que se dirigem às nações mais desenvolvidas não com armas, não em busca de vingança, mas em busca de algumas migalhas de tudo que foi roubado deles”.



(Roberto Marinucci, consultor do Instituto Migrações e Direitos Humanos - IMDH)

Roberto ainda nos convidou a refletir sobre o posicionamento do Papa Francisco a respeito da temática. “Ele destacou muito bem esta questão migratória. Talvez na história da Igreja nunca tenha havido um papa que colocou como centro esta questão, como Francisco colocou agora. Sabemos que a temática migratória, neste momento histórico, preocupa muito mais o mundo do que questões como a quebra da Grécia e a queda do euro, por exemplo”, salientou.

Durante o seminário, foi possível perceber e construir avanços para a melhoria no processo de acolhida e humanização dos refugiados e migrantes. Notou-se que, em muitas Cáritas do Brasil e Pastorais do Migrante, o trabalho é constante e árduo, sem descanso. A ajuda se dá como uma onda, e não pode parar. Em algumas Cáritas, como as das arquidioceses de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, onde a demanda é maior, quando um refugiado chega, existe toda uma equipe de acolhida disposta a ajudar e a repassar todas as orientações necessárias, seja no que diz respeito a um local temporário para morar ou com ajuda de custo, doações de roupas ou objetos de higiene pessoal.

Podemos também ver isto nas Cáritas consideradas como “passagem”, onde o migrante ou refugiado vem, se estabiliza por um tempo, obtém orientações e é encaminhado para locais com maiores condições estruturais. “Nós conseguimos ajudar durante um período, mas depois eles precisam arrumar um jeito de seguir com suas vidas, porque não temos condições de ajudá-los pra sempre. Isso é importante, inclusive, para que eles busquem maior autonomia aqui”, explicou Irmã Delires, da Cáritas Arquidiocesana de Manaus.

A luta é diária e a solidariedade não pode parar. Quando olhamos para nossos irmãos refugiados e migrantes, precisamos nos enxergar neles. Neste momento, é importante resgatar nossa essência e lembrarmos, como brasileiros e como cristãos, que nossa cultura e toda a nossa vida foram pautadas em processos migratórios.

Um dos passos que as Cáritas e os institutos sociais que lidam com os refugiados também enfatizaram no seminário foi a autonomia dos migrantes. Irmã Rosita explicou, por exemplo, todos os direitos que eles têm ao chegar ao

país. Direitos esses que vão desde a aquisição de um CPF e carteira de trabalho até alguns benefícios contidos do documento de Proteção Internacional de Refugiados, tais como a “não devolução”.

Irmã Rosita ainda ressaltou qual o nosso papel, como cristãos, perante esta situação. “O Brasil tem cerca de 1% da sua população composta por refugiados e imigrantes. Nós fazemos um apelo pelo compromisso das pessoas. Este apelo é frente a uma realidade, frente a números, frente a pessoas que estão aí precisando da nossa ajuda e que continuam chegando”.



(Irmã Rosita, Diretora do Instituto de Migração e Desenvolvimento Humano)

Entender que estamos lidando com nossos semelhantes, que estas pessoas são vítimas de um sistema falho e de uma sociedade majoritariamente egoísta, é o primeiro passo para a dignidade e humanização dos migrantes e refugiados. Para isso, existem as parcerias com universidades, entidades sociais e governamentais, e parcerias também entre as Cáritas e a Pastoral do Migrante.

“É um grande desafio lidarmos com isso. São pessoas que chegam de todo tipo de contexto, alguns inclusive foram vítimas de tráfico. A gente tem que analisar como pessoas que têm necessidade de assistência social. Nós dividimos este atendimento por etapas. Em um primeiro momento, damos a

acolhida básica, com auxílio à alimentação, aluguel por dois, três, quatro meses. No segundo momento, encaminhamos estas pessoas para um trabalho, e aí contamos também com parcerias, especialmente com universidades, em termos de qualificação. Por fim, auxiliamos na questão de obtenção de documentos de permanência aqui. Exercemos esta missão da melhor forma que podemos”, explica Irmã Rosita.

Cândido Feliciano, diretor da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, também deixou clara a continuidade da luta e a intenção de não permitir que ela acabe, independentemente das dificuldades enfrentadas no processo. “Vamos lutar até o final para que aqueles que estão em condição de refúgio consigam esse *status* de forma permanente. Nós somos parte fundamental deste trabalho. Todos os dias abrimos as portas às nove horas da manhã e já nos deparamos com uma fila de refugiados”, explica.

Ele ainda pontua a dificuldade de outras Cáritas em ter estrutura para receber estas pessoas. “São Paulo, por exemplo, está em uma situação alarmante por receber mais refugiados que o Rio de Janeiro”. Por fim, também explica a importância e o significado da acolhida a estas pessoas: “A acolhida é abrir o coração, é abrir os braços, é fazer a pessoa se sentir parte da comunidade”.

Partindo do que foi proposto nos debates e seguindo a experiência vivida por várias Cáritas no Brasil e pelas pastorais sociais, o Seminário Nacional sobre Migrantes e Refugiados também foi propositivo. Através de círculos de discussão, foram aprofundados os desafios que devem ser enfrentados e a melhor maneira de lidar com eles. Ao final, foram também estabelecidas propostas de crescimento e otimização na rede com relação à temática.

Entre as medidas priorizadas pelos participantes, ficaram: a criação de um grupo de trabalho sobre migrantes e refugiados; a formação de agentes e voluntários que queiram se dedicar à causa; a promoção de espaços de incidência política; inclusão de incentivos governamentais para auxiliar nos custos com a recepção de migrantes e refugiados e a sensibilização para a temática, por meio de jornais, cartilhas, folders e redes sociais.

Para uma melhor organização da rede, algumas propostas foram: a ampliação dos atendimentos pela rede Cáritas em termos de acolhida, para que a mesma não se limite apenas ao eixo Rio-São Paulo; a constituição de um banco de dados para atendimentos; elaboração de um manual de procedimentos; criação de sites de informações; elaboração de lista de órgãos e serviços prestados pelo poder público junto a uma lista de entidades Cáritas que atuam na temática; e a constituição de uma equipe de referência na área na Rede Cáritas.

Neste ponto, torna-se visível e clara a importância da parceria entre instituições e a necessidade de trabalharmos em conjunto para o melhor atendimento a estas pessoas. “Somos parceiros da Cáritas. Todos os casos que atendemos, geralmente, são a Cáritas que encaminha para nós. A Cáritas Brasileira tem sido uma apoiadora nossa em vários dos nossos projetos”, explica Irmã Rosita.

Não podemos nos limitar ao papel de coadjuvantes, e sim tomarmos a frente e sermos protagonistas na construção de uma história com mais justiça social, igualdade, humanidade e solidariedade entre os povos.



Por Tanara Adriano de Oliveira